

A PATRIA

Orgão dos interesses da colônia brasileira no Rio da Prata

Administração: Calle 25 de Maio 471, esq. de Ciudadela

Montevideo -- Domingo 8 de Agosto de 1886

Diário da manhã—Anno VIII—Num. 2128

A PATRIA

Publicação diária e da manhã.—Sahe pela typographia do seu nome

Tem colaboradores e numerosos correspondentes na campanha e Exterior

DIRETOR: CASSIO A. FARINHA

CONDICIONES

Assinatura mensal nesta cidade . . . \$ 1.20
PARA FORA
Semestre . . . \$ 8.00
Anno . . . \$ 15.00
Numero do dia . . . 0.10
atrasado . . . 0.20
ASSINATURA PARA O BRASIL
Semestre (moeda papel réis) . . . 193000
Anno . . . 368000
PAGAMENTO ADIANTADO

NOTAS

As assignaturas devem sempre concluir no fim de Março, Junho, Setembro ou Dezembro, podendo começar em qualquer dia.
A correspondência deve ser integralmente selada, sem o que não será retirado do correio.
Não se devolvem originaes, ainda que não sejam publicados.

AGENTES

Campanha e Exterior

LOCALIDADES	NOME dos AGENTES
Alegrete	Froitas Valle & Jacques.
Arsely	Antonio Macedonia.
Arcio (Mato e Clara (Dep. Tacuarembó)	Francisco Formoso.
Artigas	Imael Velazquez.
Avestruz (Cerro Largo)	Martinez & Marin.
Bagé	João Pelet.
Berchil (Cerro Largo)	Zeferino Menezes.
Caraguatá (Tayquaribó)	José B. Romero.
Candia (Provincia do Rio Grande do Sul)	Antonio Molinari.
Candia Brava (Cerro Largo)	Manoel Ign. Machado.
Cerro Largo	Manuel Sôfiora.
Cerro (Rocha)	Leon Ventura.
Cerro de Pereira (Taj.)	Aniceto Carreras.
Cordoba (Durazno)	José Joze da Silva.
Coronilla (Tajuarém)	José Zavalla & Comp.
Coronilla (Tajuarém)	Sebastião Arzvedo.
Corrales (Tajuarém)	Segundo Sopeña.
Cuchillada Palma (Tajuarém Grande)	José Maria Prado Pereira.
Cuchillada de Pereira (Tajuarém Grande)	José Menino (cava do Pintos & Ca.).
Cuchillada de Pereira (Tajuarém Grande)	José de Mello.
Cuchillada de Pereira (Tajuarém Grande)	João Jacintho Osorio.
Cuchillada Negra (Salto)	Luiz Mayer.
Francia (Fábria)	José F. Varela & C.
Francia (Fábria)	Godofredo Junior & Ferreira.
Francia (Fábria)	Marciano, Leitão & C.
Francia (Fábria)	Juan Guell.
Francia (Fábria)	Dr. Silva Gama. — Largo de S. Sebastião da Pedreira n. 51.
Francia (Fábria)	Silveira da Costa Pereira.
Francia (Fábria)	M. Montañó Junior.
Francia (Fábria)	José Santos Pereira.
Francia (Fábria)	David C. de Barros.
Francia (Fábria)	P. Joly & J. Martin.
Francia (Fábria)	Faulbourg Poissonier.
Francia (Fábria)	Alfredo Bastos.
Francia (Fábria)	Mariano Comas.
Francia (Fábria)	Bellido & Salazar.
Francia (Fábria)	Baltasar Romero.
Francia (Fábria)	Laurindo J. da Silva.
Francia (Fábria)	Emilio do Barros, rua 1.º de Março n. 95.
Francia (Fábria)	Ramão E. Silveira.
Francia (Fábria)	Manoel Silva.
Francia (Fábria)	Guimaraens & Etcheverry.
Francia (Fábria)	Antonio Maximo.
Francia (Fábria)	João da Silva Marques.
Francia (Fábria)	Jerônimo E. dos Santos.
Francia (Fábria)	Leonardo J. P. Cracel.
Francia (Fábria)	Pedro Amonte.
Francia (Fábria)	Magalhães & Gonçalves.
Francia (Fábria)	Imael J. Vargas Giloca.
Francia (Fábria)	Santo Soares.
Francia (Fábria)	José Joaquim de Souza.
Francia (Fábria)	Manoel Alencar.
Francia (Fábria)	Eufemio Buenafama.
Francia (Fábria)	Baldino Lima.
Francia (Fábria)	Masero & Conio.
Francia (Fábria)	Paulino & Freitas.
Francia (Fábria)	Carlos Broggio.

FOLHETIM DA PATRIA

O DR. ANGELO PAROLI

por

XAVIER DE MONTEPIN

PRIMEIRA PARTE

XXV

—Ha de fazer o favor de me dar a conta das pequenas despesas que fez comigo.
—Oh! senhor, isso não tem pressa. E' uma bagatela!
—Tenha a bondade de me dar as chaves.
—Aqui estão.
E a porteira mostrou um molho de chaves, que estava em cima de um novel.
—Estão ali todas.
—Agora, minha querida senhora, desejo-lhe muita boa noite. . . Tenho grande precisão de repouso e vou-me deitar.
—Boa noite, senhor, tenha muito bom noite.
A porteira deslizar-se em comprimentos.
O italiano acompanhou-o até a porta, a qual fechou a chave.
—Assim que se viu só, deu um suspiro de alívio.
—Até que enfim, murmurou elle, vejo-me n'uma casa decente e com uma

A PATRIA

MONTevideo, 8 de Agosto de 1886

Carta politica

Rio de Janeiro, Julho 31 de 1886.
Sr. Director da Patria.

D'esta vez a minha missiva tem paninho para mangas, como se costuma dizer, isto é, o parlamento dá-me materia longa para tratar, tomando maior espaço do facto que ali deu-se com o senhor, o qual d'ploro da coração, esperando, como é justo, que o governo tome providencias precisas a seu favor, como merece. Dava support, a sensação causada aqui no parlamento, na imprensa e em outros centros, quando se teve telegraphicamente noticia da acta reprovavel e iniqua que com o senhor se praticou, e pelos jornais que vão n'esta vapor, que é o «La Plata», pôde certificar-se do que deixou dito.

Passemos agora a materia.
Se bem me lembro, a ultima correspondencia parlamentar que lhe enviou, levou a descripção do que ocorreu em ambas as casas do parlamento, até 25 de maio; por conseguinte comecei narrando do dia 26 em diante.

N'esse dia, na Camara, foi aprovado sem discussão alguma o orçamento da guerra, tal qual o apresentou o ministro que dirige essa pasta.

Começou-se depois, a discussão do orçamento do ministerio da agricultura, tendo a palavra o Sr. Cesario Alvim, que fez um discurso, livro inteiramente da preocupação do opposicionista e repleto de observações sensatissimas, acerca dos serviços que se prestem áquelle ministerio.

O mesmo deputado notou, o muito bom, que ao passo que o governo nenhuma economia importante realisa nos outros ministerios, na da agricultura propõe cortes e economias em uma somma bastante consideravel.

Depois de entrar em outras considerações, sendo sempre ouvido com attenção, apontou tambem uma serie de reformas indispensaveis.

No Senado, discursou o Sr. José Bonifacio ainda sobre os assumptos do S. José do Tocantins e parece que apesar de lhe ter respondido o ministro da justiça, que o assumpto tornará ainda a tela da discussão.

Entrou depois, o orçamento do imperio. Orou o Sr. Francisco da Sá que pronunciou um eloquente discurso.

Na Camara, na sessão de 27, discutio-se ainda uma vez os assumptos administrativos da provincia do Rio Grande do Sul e queimaram cartuchos o Sr. Varro. O presidente da Camara teve de chamar a ordem a ambos e a cousa ficou em calma.

Depois, discutio-se o projecto sobre a reforma municipal, apresentado pelo conselheiro Paulino no anno de 1880, assumpto do que já me occupei em outras correspondencias.

O projecto estava um pouco empoeirado e com um aspecto de antiquidade. Levantou-se o Sr. ministro da fazenda, para lhe propor uns retoques, a fim de o tornar mais apresentavel.

As emendas do governo ao projecto estabeleceram uma organização especial para as camaras municipais da corte, das capitais das provincias e de cidades importantes por suas rendas, cujo quantum será fixado pelo parlamento;

Separação das funcções deliberativas e de execução;

Para execução das deliberações das camaras serão nomeados prefeitos—na corte, pelo governo; nas capitais, pelos presidentes das provincias, e nas outras cidades, pelas proprias camaras municipales e pelos presidentes das mesmas camaras.

O voto uninominal para a eleição dos vereadores é substituido pelo voto de lista completa.

Adiou-se a discussão, até que as emendas sejam impressas.

Continuou depois a discussão do orçamento da agricultura. Fallaram os

Srs. C. Luz, José Pompeu o Alcafora do Junior, pedindo tolos a attenção do governo para necessidades das respectivas provincias.

O Sr. Alcafora, principalmente, tratou da importante questão do porto do Recife, fazendo sentir a necessidade do seu melhoramento.

No Senado n'esso mesmo dia, a não ser o discurso do ministro do imperio, a discussão do orçamento correspondente a sua pasta e com que respondeu o discurso anteriormente pronunciado pelo Sr. Franco da Sá, nada houve de maior importancia.

Na camara, a 23, depois dos discursos dos Srs. Candido da Oliveira o Castrioto, encorrou-se a 3.ª discussão da lei do foras de terra. Antes ainda se tinham sapeado, mais uma vez, os deputados rio-grandenses Salgado e Navarro.

O Sr. Affonso Celso Junior tratou do regulamento da ultima lei de 28 de setembro, o referido ao voto do senado que declarou que o governo não tinha executado lealmente a lei, censurando-o por isso com bastante energia.

Seguiu-se o Sr. Alencar Araripe, que defendeu o regulamento da lei Saraiiva-Cotegipo, a pedido varios melhoramentos para a sua provincia.

No Senado, o Sr. Dantas pediu explicações ao governo acerca da sua prisão, em Montevideo.

Respondeu o Sr. ministro da justiça, que a respeito do caso, não conhecia as informações dos jornais. Para um ministro não é muita. Verdade seja que S. Ex.ª póla até ter deixado de ler os periodicos.

O Sr. Correia fallou no mesmo sentido do Sr. Dantas. Nem parecia um amigo do governo, tues foram as cousas que disse.

E' conveniente passarmos aqui um extracto dos discursos pronunciados. (Deixamos de publicar aqui o extracto dos discursos, por ter-nos o feito no numero de ante-hontem.)

Na sessão de 23, na Camara o Sr. deputado Affonso Celso Junior, interpellou tambem o governo, sobre o facto da prisão de que ali foi Sr. victima. Tendo pedido a palavra o Sr. Rodrigo Silva, ficou a discussão adiada. Espera-se que o governo cumpra a promessa de participar ao Senado e a Camara, as providencias que tomou a seu respeito.

Esperemos.

No Senado, n'esso dia nada houve de importancia.

Na sessão de 30 na Camara tomou assento o Sr. Theodoro Machado, deputado pelo 2.º districto do Pernambuco.

Depois de terem fallado alguns deputados sobre diversos assumptos, principalmente sobre a liga politica do Ceará, entrou em discussão o orçamento da agricultura.

Fallou em primeiro lugar o Sr. Candido de Oliveira, que tomou a si a tarefa de demonstrar que a situação liberal não foi nem estagnadora nem periculosa. Para isso comparou algarismos, concluindo que, por exemplo, no ministerio da agricultura a economia que o governo propõe é apenas de quinhentos contos.

Finalmente o Sr. deputado tambem fallou contra o regulamento da ultima lei de 28 de Setembro.

Vem um pouco tarde a sua reclamação; mas antes tarde do que nunca.

Seguiu-se o Sr. Lourenço de Albuquerque relator do projecto. S. Ex.ª do fado o governo em muitos pontos, e entre elles, no regulamento da lei do elemento servil; clamou por economias e fez justas censuras com relação ao caso Réty, caso complicado e mysterioso em qual o Sr. ministro da agricultura de clara que toma a responsabilidade.

O Sr. Diogo Velho, leu depois, o discurso de saudações do senado á princeza imperial e concluiu a sessão ficando adiada a discussão do orçamento do imperio, depois de fallarem os Srs. Lima Duarte e Meira da Vasconcellos.

P. D. — Não concluirei esta missiva sem dar-lhe noticia, da que corre como certo, que o Sr. Cotegipo, que ainda se acha gravemente doente, deixará o poder e será substituido na presidencia do conselho pelo Sr. João Alfredo,

outro personagem, entrevisto já duas vezes no correr desta narração.

Este personagem era nada menos, do que Oscar Rigault, o mascado patizense, da volta do Africa, que se suspeitava seriamente, e não sem apparencia logica, de ser o assassino da Jayme Barner.

Oscar Rigault era o unico culpado da injusta accusação que pesava sobre elle.

Essa accusação, resultava fatalmente das palavras mais que inconsequentes que havia pronunciado na estação do caminho de ferro de Lyon, por occasião da descoberta do cadaver, palavras repetidas textualmente aos magistrados pela inspecção chefe da estação.

Quivimos o proprio Rigault contar ao cutelleiro de Mars-ilha que tinha ido tentar fortuna em Africa, mas que a Sra. Fortuna, mulher caprichosa como o diabo, tinha recusado obstinadamente conceder-lhe os seus favores, e que voltava a Paris tão pobre, se não mais, do que a Paris tão pobre, se não mais, do que a Paris.

A sua ausencia tinha durado tres annos e durante esses tres annos tinha perdido de vista os seus antigos conhecidos e interrompido todas as suas relações.

Toda a familia de Oscar Rigault, chamado Rigolo pelos seus camaradas, consistia n'uma irmã.

Esta irmã, Sophia Rigault tinha 22 a 23 annos, admiravelmente bonita, prodigiosamente loureira, não tendo a menor noção do senso moral, obtinha triumphos lisongeiros, nos bailes da

senador conspicio o personagem politico do transeunlencia.

Senão outro motivo por hoje, despedose do Sr. e dos leitores.

O Correspondente.

ECHOS DO BRASIL

Club Naval

DISCURSO PROFERIDO NO RIO DE JANEIRO PELO CAPITÃO DE MAR E GUERRA J. A. CORDEIRO MAURITI, PRESIDENTE DO MESMO CLUB.

(Conclusão)

Dois objectivos mais merecem com igual empenho a nossa particular attenção. Quer-nos nos referir ao *Boletim do Club Naval*, que guardamos ver sair a luz esta anno, e ao projecto do meu Muzoz Naval.

Quantos ao *Boletim do Club Naval*, não um dentro de nós deixará, de haver frequentes vezes sentido a falta de um periodico, no qual sejam dadas a estampa as lucubraciones que na tranquillidade do gabinete são lançadas no papel e ficam esquecidas nos estantes, ou expandidas em palestras que as lides da profissão não o permitem apurar.

Como justificativo para o segundo objectivo — a criação de um *Museu Naval* — não bastasse o exemplo de todas as associações congêneras, que nella vêem uma escola das mais instructivas para as lucubrações do passado, valer-nos-ia a rell-xão de uma escolhida collecção de artefactos e monumentos historicos que nos lembram os recursos e as façanhas que em tempos idos celebravam os grandes homens da marinha antiga e moderna, seria a mais duradoura e grata homenagem que a esses espiritos, envolvidos na insolvavel noite da morte, pôdem render as gerações do presente.

Em summa, como derradeiro assumpto de não somente importancia, tocamos ainda que depressagem, sobre um ponto que energia nesta oportunidade como uma melha a estudar e a propor.

Aqueles a quem cabe discutir e o assiste o poder de acertadamente resolver: — E' o *Museu do Club Naval*, com bases identicas ao do *Exercito na Cruz dos Militares*, projecto esse que alcança a felicidade das nossas familias, o bem commum e para todos nós objecto da poderosa excitação.

Senhores, no escahebro caminho assim vencido e no fim das lutas das promessas que nos dão alento nesta arena do trabalho, suavo para os que têm fé na religião do dever, o Club Naval tomo a presunção de julgar-se na altura da primeira das suas obrigações, hoje facilmente cumpridas, aguardando a augusta presidencia honoraria do nosso sabio monarcha como mais subido e magnifico triumpho para o seu nome e sem duvida deviamos ambicionar.

Dignou-se tambem de aceitar o convite para a vice-presidencia honoraria do Club Naval S. Ex.ª o Sr. ministro da marinha, e esta joven associação com reconhecimento confessa que vê no seu eminente vice chefe glorioso um novo propugnador de suas glorias e conquistas.

Releva aqui não deixar passar desapercebidos os singulares louvores de que se fizeram credores o imperador, o ministro e os nossos companheiros de armas, por essa apreciação espontanea de quem com a sua liberalidade se compencha em nos honrar, distinguir e alentar, convencendo-nos deste modo de que não nos é heito parar ou retroceder na estrada que abrimos debaixo de tão auspiciosos annuncios. Seria um desacerdo escasso e louvores taes; envergando um duplo fim, ordena e exige a justiça que não fiquem esquecidos os titulos da benemerencia, já para que os benemeritos não esmoreçam por falta de devoto apreço, já para que, assim honrados encontrem dignos imitadores, se não strenuos continuadores de suas obras meritorias; p-namanto este admiravelmente reanimado nestes sentenciadas palavras do famoso epiaphorico: «A virtude levanta vivo o crebro».

«E o louvor allos a-as persuado».

E' este agora, senhores, um triste momento em que, obtemperando aos preceitos do sagrado dever, cumpro nos renovar em nossos corações a dor que esta casa experimentou o experimentará sempre por aquelles, para cuja sagrada e eterna memoria na gratidão nacional, não bastam os louros orvalhados de la grimpas pelas longas noites da saudade aniversaria... não bastam as dores d'alma! E' preciso que vós outros, a quem a natureza concedeu dotes generosos, sejais incitados aqui a em toda parte a excavar com o alvivo do seu talento no pissado nacional os diamantes brutos ali enterrados, lapidai-os e engastai os na pedra tumular dos nossos heróis, frisando-lhes o vulto historico, que será a sua mais odificante estatua.

Aos heróis do Riachuelo, digamol o mais recolhimento, foi rendido uma vez mais o renovamos ainda hoje, o preito da nossa perpetua veneração!

Tambem surprenderam-nos as lagrimas... o mais de uma vez, no regaço destes grandes lar, no ambiente ruidoso da nossa officina do trabalho.

Ao alimntar o nos officiaes, benemeritos da patria, nossos prestantes companheiros, que baixaram á campu durante esta anno social o que na terra se chamavam: — Barão da Laguna, Justino de Souza Franco e Raymundo Ferreira da Oliveira. Mollo Junior, tributos igualmente a nossa humilde offrenda do doloroso adensar na profunda consternação em que nos deixaram imersos.

Seus nomes, bem como os dos heróis do Riachuelo, ficam para sempre gravados em nossas memorias! Seus feitos e exemplares virtudes constituem para nós um patrimonio de incitadoras estimulos; porquanto, suas potentes vidas, ardendo ao fogo lento do dever, foram consumidas pelo amor da patria, com a patria e pela patria somente!

Quando as perdas são motivo de luto publico, a justiça da historia precisa para os seus registros que a chronica do tempo assignale com traços eternamente duradouros o que foi nos cidadãos extintos essa vida superior, que escapa ao tumulto, domina as idades, o mais de dos posteris que dos contemporaneos.

Oxá! possam estas conceituosas palavras de um critico brasileiro servir para o Club Naval de levantada consolidação nos dias tormentosos.

Para nós, senhores, a vida real não é só esse instante passageiro durante o qual a alma se une ao corpo para logo abandonar-o; verdadeira thesouro e vida preciosa e aquella existencia luminosa que evolui na lembrança de todos os seculos, e se prolonga até ás idades as mais remotas, sem outros limites que os da propria humana perpetuidade.

E' para esse futuro que deveis principalmente olhar nas lides mais ingratas do nosso patriotismo labutar; porquanto, é nelle e só nelle que se ha de manifestar a vossa gloria. Se em pouco tempo tendes alguma coisa feito para que os vossos louros, eslorejados mais agora, de modo que a vossa obra se traduza em eloquente realidade na admiração dos que nos lão de julgar.

No incomensuravel — Tempo — que perpassa sobre as nossas existencias, oxymenando-nos para a luta, o sob o maravilho do do nosso Brasil, tudo parece sagrado nos: — se queremos particular da nossa grandeza, traballai!

O nosso glorioso monarcha cede nos o lustre de sua augusta jararchia, presidindo nos; e essa paternal sorriso com que honrosa nos sah la, significa: — traballai! — Traballai! — dove tambem significar a presença do illustre ministro, que, com o nobre apolo moral do sua vice presidencia honoraria, engrandecerá dignamente os nossos sinceros esforços.

—Traballai! diz nos o *Pavão*, offerecendo nesta brilhante festa anniversaria o — promio da animação.

—Traballai! pelo seu festivo applauso repeta o *Freixo* no desenvolver-nos o papper da nossa bravo historia.

—Traballai! fazechoar em nossos animos a justiça do *Futuro*, descortinando no mar dos éos o longinquo pharol que comeez os benemeritos á Terra dos im-mortals.

—Traballai!

mento em que, obtemperando aos preceitos do sagrado dever, cumpro nos renovar em nossos corações a dor que esta casa experimentou o experimentará sempre por aquelles, para cuja sagrada e eterna memoria na gratidão nacional, não bastam os louros orvalhados de la grimpas pelas longas noites da saudade aniversaria... não bastam as dores d'alma! E' preciso que vós outros, a quem a natureza concedeu dotes generosos, sejais incitados aqui a em toda parte a excavar com o alvivo do seu talento no pissado nacional os diamantes brutos ali enterrados, lapidai-os e engastai os na pedra tumular dos nossos heróis, frisando-lhes o vulto historico, que será a sua mais odificante estatua.

Aos heróis do Riachuelo, digamol o mais recolhimento, foi rendido uma vez mais o renovamos ainda hoje, o preito da nossa perpetua veneração!

Tambem surprenderam-nos as lagrimas... o mais de uma vez, no regaço destes grandes lar, no ambiente ruidoso da nossa officina do trabalho.

Ao alimntar o nos officiaes, benemeritos da patria, nossos prestantes companheiros, que baixaram á campu durante esta anno social o que na terra se chamavam: — Barão da Laguna, Justino de Souza Franco e Raymundo Ferreira da Oliveira. Mollo Junior, tributos igualmente a nossa humilde offrenda do doloroso adensar na profunda consternação em que nos deixaram imersos.

Seus nomes, bem como os dos heróis do Riachuelo, ficam para sempre gravados em nossas memorias! Seus feitos e exemplares virtudes constituem para nós um patrimonio de incitadoras estimulos; porquanto, suas potentes vidas, ardendo ao fogo lento do dever, foram consumidas pelo amor da patria, com a patria e pela patria somente!

Quando as perdas são motivo de luto publico, a justiça da historia precisa para os seus registros que a chronica do tempo assignale com traços eternamente duradouros o que foi nos cidadãos extintos essa vida superior, que escapa ao tumulto, domina as idades, o mais de dos posteris que dos contemporaneos.

Oxá! possam estas conceituosas palavras de um critico brasileiro servir para o Club Naval de levantada consolidação nos dias tormentosos.

Para nós, senhores, a vida real não é só esse instante passageiro durante o qual a alma se une ao corpo para logo abandonar-o; verdadeira thesouro e vida preciosa e aquella existencia luminosa que evolui na lembrança de todos os seculos, e se prolonga até ás idades as mais remotas, sem outros limites que os da propria humana perpetuidade.

E' para esse futuro que deveis principalmente olhar nas lides mais ingratas do nosso patriotismo labutar; porquanto, é nelle e só nelle que se ha de manifestar a vossa gloria. Se em pouco tempo tendes alguma coisa feito para que os vossos louros, eslorejados mais agora, de modo que a vossa obra se traduza em eloquente realidade na admiração dos que nos lão de julgar.

No incomensuravel — Tempo — que perpassa sobre as nossas existencias, oxymenando-nos para a luta, o sob o maravilho do do nosso Brasil, tudo parece sagrado nos: — se queremos particular da nossa grandeza, traballai!

O nosso glorioso monarcha cede nos o lustre de sua augusta jararchia, presidindo nos; e essa paternal sorriso com que honrosa nos sah la, significa: — traballai! — Traballai! — dove tambem significar a presença do illustre ministro, que, com o nobre apolo moral do sua vice presidencia honoraria, engrandecerá dignamente os nossos sinceros esforços.

—Traballai! diz nos o *Pavão*, offerecendo nesta brilhante festa anniversaria o — promio da animação.

—Traballai! pelo seu festivo applauso repeta o *Freixo* no desenvolver-nos o papper da nossa bravo historia.

—Traballai! fazechoar em nossos animos a justiça do *Futuro*, descortinando no mar dos éos o longinquo pharol que comeez os benemeritos á Terra dos im-mortals.

—Traballai!

ACTUALIDADE

A prisão dos jornalistas em Montevideo

Eis como o collega do Rio, *Gazeta da Noticias*, se manifestou a respeito da prisão do director deste jornal e dos seus companheiros, redactores dos outros jornaes.

A cidade do Montevideo continua sob a dolorosissima impressão que causou a prisão dos jornalistas, que foram transferidos para o *Careel del Crimen*, onde têm sido visitados por grande numero de pessoas da mais alta sociedade.

A imprensa e o corpo diplomatico reclamam a liberdade dos presos. Diziamos que o conde de Saint Foix, ministro da França, tinha respondido á circular do ministro das relações exteriores, em termos bastantes energicos.

Agradecendo o procedimento do governo para com o corpo diplomatico, tem, entretanto, o pozar do protestar contra o procedimento empregado para com os jornalistas, e muito especialmente para com o seu concidadão, o Sr. Carlos Garret, redactor da *France*.

Acerescenta tambem, na nota, que pôdiu ordens immediatas ao seu governo, a quem referiu o caso.

O Sr. conselheiro Ponto Ribeiro, respondendo á nota do Sr. Herrera y Obas communicando-lhe a prisão dos jornalistas, diz que aprecia devidamente o interesse de que se mostra animado o governo oriental pela conservação das boas relações internacionais; e que communicará ao governo imperial a nota do Dr. Herrera. Encrevescenta:

«Estou persuadido de que, como eu, o governo do S. M. o Imperador não dará maior importancia á reproducção de artigos apaixonados sobre accusações inverosímeis, do que poderia ter os originaes.»

Commentando este trecho da nota do ministro brasileiro, diz o *Siglo*:

«Muito justo e acertado nos parece o ponto de vista em que o distincto representante do Brasil colloca a questão. . . Porém, ao ler a nota do Sr. ministro brasileiro, não podemos deixar de recordar-nos que o mesmo Sr. Ponto Ribeiro, que agora, com muita razão em nossa opinião, olha com desdem para os ataques do *Diario*, ainda ha muito pouco tempo traballou com empenho para que o fiscal mandasse processar um jornal por ter publicado uma gazetilha em que lhe eram feitas accusações muito menos graves e precisas do que as que agora se lhe fizeram. Não comprehendemos realmente em que se funda esta differença de procedr.»

Parece que o fiscal attendeu ao pedido do Sr. Ponto Ribeiro, porque no dia 22 foi preso o Sr. Cassio Farinha, redactor da *Patria*, jornal que havia publicado a gazetilha a que se refere o *Siglo*.

Nosso mesmo dia foram postos em liberdade, sob fiança, os Srs. José Melado, João Fleches e o redactor da *France*, Carlos Garret.

Uma opera original

«GWENDOLINE»

Davet sido cantada pela primeira vez, no theatro da Moeda, do Bruxellas, uma opera nova, musica de Chabrier, intitulada «Gwendoline». Apezar do estar adiantada a época para ser apresentada esta obra ao publico, a direcção daquella theatro esperava um exito notavel.

Só a enumeração dos personagens indica uma concepção absolutamente original.

Ahi vai textualmente transcripta do libretto:

«Haroldo, barytono, rei dos mares, dinamarquez, trinta annos, feroz, de compridos cabelos ruivos, longa barba hirsuta, armas muito pesadas, capacete enorme, figurando um corvo no momento de lançar o vôo.

«O velho Arnel, tenor; proprietario do vastos terrenos o chefe das pescarias, saxão, setenta annos, curvado, do

